

# AS DUAS ATLÂNTIDAS E A CONSTITUIÇÃO DOS BALNEÁRIOS NO LITORAL GAÚCHO

Ana Luiza Valle Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

O processo de urbanização do litoral do Rio Grande do Sul se intensificou a partir da implantação de loteamentos privados que visavam atender a procura da população sazonal. As operações que caracterizaram este processo de constituição dos balneários marítimos como local de veraneio vão se concentrar num bem sucedido empreendimento de balneário *ex-nihilo*, a Atlântida realizada em 1952. Foi precedido em treze anos por um anteprojeto de cidade balneária com o mesmo nome, para a mesma região do litoral e tendo como autor o mesmo profissional, o engenheiro Luiz Arthur Ubatuba de Faria. A história peculiar das duas Atlântidas, a perdida de 1939 e a realizada de 1952, é recuperada neste artigo com o objetivo de contribuir para o conhecimento e a compreensão do processo de urbanização nos locais de veraneio do litoral norte gaúcho e sua relação com a produção arquitetônica no período.

**palavras-chave:** balneários; urbanização do litoral; arquitetura moderna; litoral gaúcho; Atlântida.

## THE TWO ATLÂNTIDAS AND THE BRASILIAN SOUTHERN COAST URBANISATION

## ABSTRACT

The northern coast of Rio Grande do Sul urbanisation process has been intensified since the implementation of private allotments in order to meet the seasonal population demand. The

<sup>1</sup> Arquiteta, Mestre em Arquitetura pelo PROPAR | UFRGS. Funcionária do quadro da Equipe do Patrimônio Histórico Da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre. Em atividade no Instituto do Patrimônio Histórico Nacional | IPHAN | RS desde 2009. E-mail: analuiza.1256@gmail.com

operations that define this process of constituting seaside resorts as a place for summer vacation are concentrated in a successful endeavour accomplished in 1952, Atlântida. However, this initiative was preceded in 13 years by a project outline for a seaside town for the same region, with the same name and having the same renowned professional, that did not materialize. Both projects are deeply linked to the need for asserting Urbanism as a science and for framing it into the modern architecture for which the resort towns scenario was known in the region during the mid-twentieth century. Often confused in the literature, the peculiar story of the two Atlântidas - the lost one of 1939 and the implemented one of 1952 - is adopted as a central thread to recover the history of the consolidation of the seaside resorts in the South of Brazil.

## RESUMEN

El proceso de urbanización de la costa de Rio Grande do Sul se ha intensificado a partir de la implementación de parcelaciones privadas que pretendían atender la búsqueda de la población estacional. Los procedimientos que caracterizaron este proceso de constitución de los balnearios marítimos como un lugar de veraneo van a concentrarse en un exitoso emprendimiento de balneario, la Atlântida realizada en 1952. Trece años antes, le precedió un anteproyecto de ciudad balnearia con el mismo nombre, para la misma región de la costa y con el mismo profesional como autor, el ingeniero Luiz Arthur Ubatuba de Faria. La historia peculiar de las dos Atlântidas - la que se perdió en 1939 y la realizada en 1952 - fue recuperada en este artículo con el objetivo de contribuir para el conocimiento y comprensión del proceso de urbanización de los sitios de veraneo en la costa norte del estado de Rio Grande do Sul y su relación con la producción arquitectónica del período.

## 1. INTRODUÇÃO

O litoral do Rio Grande do Sul se distingue da vasta costa brasileira por sua linearidade. Em contraste com a riqueza geográfica da costa que tornou o Brasil conhecido pelas belezas de suas praias formadas por baías, enseadas, penínsulas e rica vegetação, a longa faixa de areia castigada pelo vento no sul brasileiro configura uma geografia não tropical.

Isso não impediu que, a partir do final dos anos 1930, se intensificasse ali um processo de constituição de balneários marítimos como local de veraneio. A implantação de loteamentos da iniciativa privada estimulada por ações de governo coincide com o momento da afirmação do urbanismo como ciência no sul do Brasil.

Em 1939, antes de o governo estadual assumir seu papel de disciplinar o desenvolvimento dos desordenados balneários, um grupo de empreendedores contrata o engenheiro urbanista Luiz Arthur Ubatuba de Faria para a concepção de um plano modelar para a “cidade balnear” de Atlântida. Visando atender a população sazonal que buscava as novas formas de descanso e lazer associadas aos banhos de mar no verão, o balneário projetado não chega a ser implantado.

Treze anos mais tarde, em 1952, concretiza-se um empreendimento de cidade balneária planejada *ex-novo*, que viria a aglutinar exemplarmente um conjunto de circunstâncias e operações de uma modalidade imobiliária que foi regular no processo de urbanização do litoral gaúcho. Também chamada de Atlântida, com projeto assinado pelo mesmo Ubatuba e implantada em trecho da mesma área do anteprojeto precedente, teve sua história confundida na bibliografia disponível. E, por sua vez, sua implantação coincide com o período de consolidação da arquitetura como disciplina autônoma na região.

Desenvolvido a partir de uma pesquisa mais abrangente, apresentada como dissertação de mestrado junto ao PROPAR | UFRGS em 2015, este artigo pretende esclarecer parte da história das duas Atlântidas gaúchas, relacionando-as, respectivamente, com os períodos que correspondem à afirmação das disciplinas do urbanismo (final dos anos 1930) e da arquitetura (início dos 1950) no Rio Grande do Sul.

## 2. METODOLOGIA

Partindo da investigação de fontes primárias em arquivos públicos, nos órgãos de imprensa da época e por meio de entrevistas com alguns dos atores coadjuvantes dessa história que se pretende contar, a pesquisa teve como fontes secundárias as publicações sobre a formação dos balneários e a produção acadêmica sobre o tema. No processo de montagem ou de reconstrução da história, as imagens foram utilizadas como outras importantes fontes de pesquisa: fotos de época dos arquivos da família, desenhos dos projetos e publicidade em revistas e jornais.

O mapeamento da documentação acessível forneceu pistas que, seguidas, evidenciaram alguns dados esclarecedores. Foi posta em prática a técnica historiográfica do trabalho detetivesco de

que trata Ginzburg<sup>2</sup>. Unidas as peças, foi possível montar a figura que corresponde ao ambiente construído do veraneio no litoral norte do Rio Grande do Sul no seu período de consolidação.

### 3. AS DUAS ATLÂNTIDAS

Modernidade, razão e ciência são conceitos que estão na origem da indicação das práticas de hidroterapia, implantadas desde o século XIX pelo discurso do saber médico, e que no Brasil se estabelecem com o hábito das temporadas em estações hidrominerais, estendido mais tarde para o litoral marítimo. A procura pela praia passa gradualmente a ter uma intenção mais hedonista em toda costa brasileira, não diferente do que ocorre nos balneários dos países vizinhos ao sul. É assim também no litoral do Rio Grande do Sul, cujas características geográficas e climáticas destoam das praias tropicais do resto do país. A extensa faixa plana e retilínea de areia contida entre o mar e as dunas conforma uma paisagem que é orgulhosa, irônica ou melancolicamente reconhecida pelos gaúchos como “a maior praia do mundo”<sup>3</sup>.

A ocupação mais efetiva desse litoral se deu a partir de empreendimentos imobiliários originados com a compra de fazendas da região. Visavam atender a maior procura dos veranistas, proporcionada pelo estímulo à construção de segunda residência e pela criação das leis trabalhistas do governo Vargas, que previam férias remuneradas para os trabalhadores. Outro fator que contribuiu para a expansão dos balneários no final dos anos 1930 foi a melhoria das vias de acesso ao litoral, facilitando o transporte individual e coletivo rodoviário. Para atender as novas necessidades dos veranistas, de ócio, repouso, lazer e diversão, surgiram os programas do veraneio e as novas formas de sociabilidade que delas implicam. Eram os clubes, aqui chamados de “Sociedades de Amigos”, as colônias de férias e, funcionando como âncoras, a primeira construção providenciada pelos empreendedores: os hotéis cassino<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Em seu livro *Mitos, emblemas, sinais*, o historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) propõe um método de conhecimento da história da cultura ou da arte, baseado no “paradigma indiciário”, ou seja, a utilização de pequenos detalhes, indícios ou pistas como numa investigação detetivesca para compor um todo.

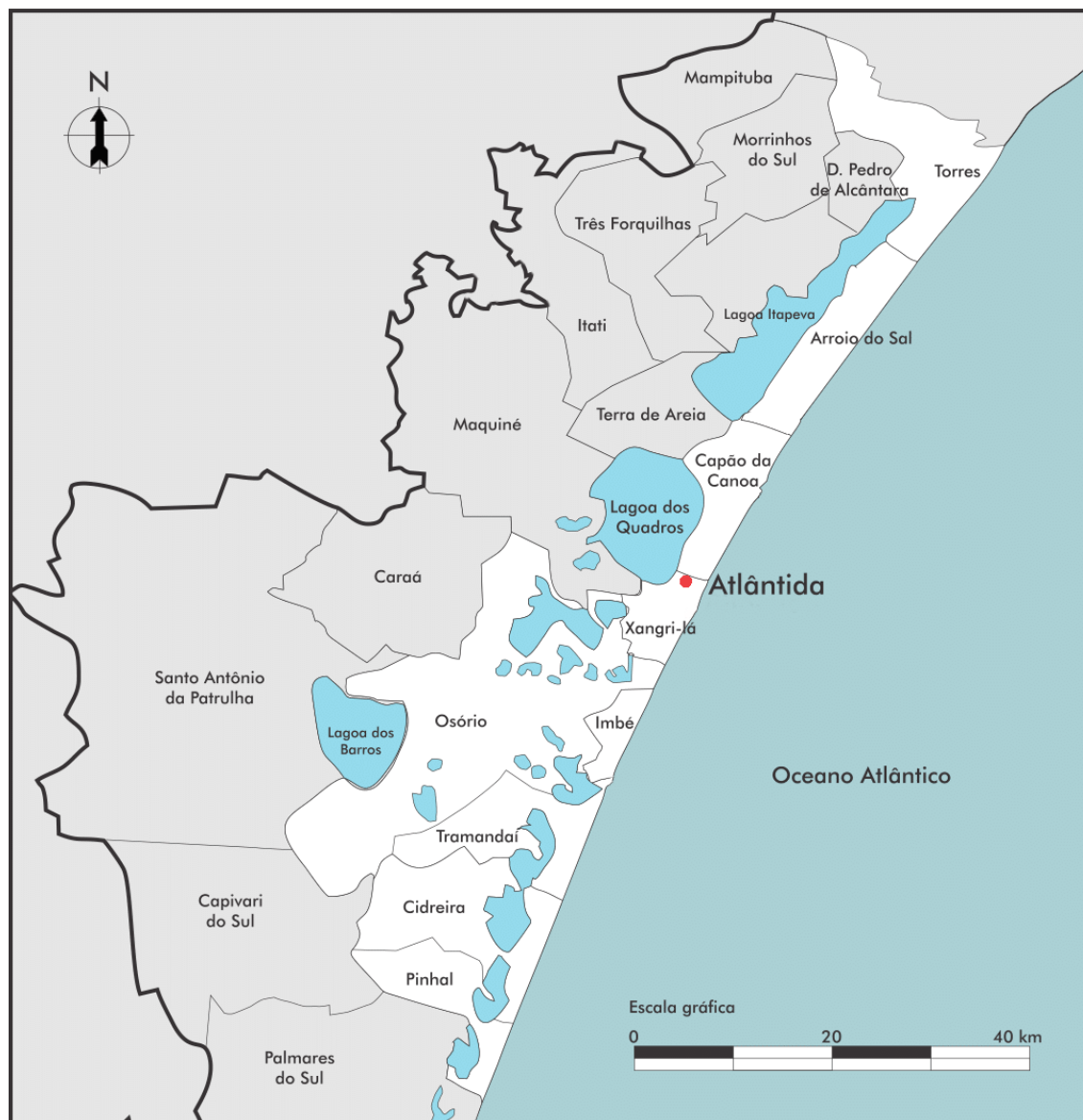
<sup>3</sup> A praia do Cassino, com extensão de aproximadamente 245 km entre as cidades de Rio Grande e Chuí, no litoral sul do Estado, que foi indicada como a maior praia do mundo no livro *Guinness de Recordes*, em 1994.

<sup>4</sup> Não há nisso nenhum ineditismo, já que esta foi a política de turismo adotada na Europa durante muitos anos e prática corrente em cidades de veraneio no Brasil desde a criação das estações hidrominerais. Assim foi até a proibição do jogo no governo de Eurico Gaspar Dutra em 1946.

As más condições de urbanização, de higiene e saneamento dos balneários e hotéis que se estabeleceram desde o final do século XIX levaram a uma ação mais efetiva de controle e regramento do Estado a partir do início da década de 1940. O interventor Cordeiro de Farias, empenhado em “dotar o Estado de estações balneárias perfeitamente saneadas e salubres em substituição das que existiam, que se apresentavam longe de satisfazer estas exigências” (A URBANISAÇÃO..., 1942), cria o Departamento de Balneários Marítimos (DBM). Seu engenheiro chefe, Luiz Arthur Ubatuba de Faria (1908-1954), é personagem fundamental desta história dos balneários. Atuou como profissional na iniciativa privada e em órgãos públicos, sendo divulgador da disciplina do urbanismo e figura reconhecida e respeitada no noticiário local.

Mas, antes mesmo que o Governo tomasse as medidas para organizar o desregrado processo de urbanização do nosso litoral, uma iniciativa particular veio marcar a história da constituição dos balneários da costa marítima gaúcha e a sua vinculação com as ideias do urbanismo e da arquitetura modernos.

A implantação de uma grande cidade balneária, entre Capão da Canoa ao norte e Tramandaí ao sul (Figura 1), é a chave da história que se pretende recuperar neste trabalho. Aquilo que muitas vezes é referido em artigos científicos, teses e outras publicações sobre temas afins como sendo um mesmo plano urbanístico, ou projeto de loteamento, para um balneário denominado Atlântida, na verdade são dois empreendimentos distintos. A causa da confusão pode ter sido favorecida por, pelo menos, três relevantes coincidências, mas não acasos: por ter sido escolhido o mesmo nome para o balneário, por sua localização, e pelo fato de que ambos tiveram como autor do projeto o engenheiro Ubatuba, o que não é pouco. Como se tenta esclarecer a seguir, os empreendimentos foram tratados em dois momentos diferentes, dentro de um período de aproximadamente treze anos – 1939 e 1952, e apenas o mais recente foi concretizado.



**Figura 1** - A longa faixa retilínea e o colar de lagoas que compõe a região do litoral norte gaúcho, com seus municípios entre Pinhal e Torres.

Fonte: Mapa adaptado pela autora.

## 4. A ATLÂNTIDA PERDIDA

No verão entre 1938 e 39, a estrada ligando Porto Alegre a uma das praias mais próximas da capital e a mais procurada pelos primeiros banhistas, Tramandaí, estava em fase de conclusão. E

foi em maio de 1939 que Gabriel Pedro Moacyr, representante de um consórcio de empresas<sup>5</sup>, requisitou ao interventor do Estado interino, Miguel Tostes, a concessão para construir uma cidade balneária. O anteprojeto para a “Atlântida, cidade balnear”, assinado pelos engenheiros Ubatuba de Faria e Moacyr, foi publicado no número de outubro de 1939 do Boletim da Sociedade Engenharia do Rio Grande do Sul, com o subtítulo: Projeto de um novo balneário entre Capão da Canoa e Tramandaí.

Com 31 páginas, a estrutura de apresentação do anteprojeto sobre os temas estudados e sobre as proposições é acompanhada de justificativas e ilustrações que incluem fotos da região, gráficos, diagramas e cópias de perspectivas aquareladas a voo de pássaro, bem de acordo com os preceitos do urbanismo-ciência da época. De maneira geral está organizada em três partes: a inicial, que apresenta a região sob aspectos físicos, climáticos, geográficos; a segunda, que apresenta a concepção do Plano; e a terceira, que trata dos equipamentos e da infraestrutura<sup>6</sup>. Era o período de afirmação do urbanismo como ciência, do qual Ubatuba de Faria foi o principal divulgador.

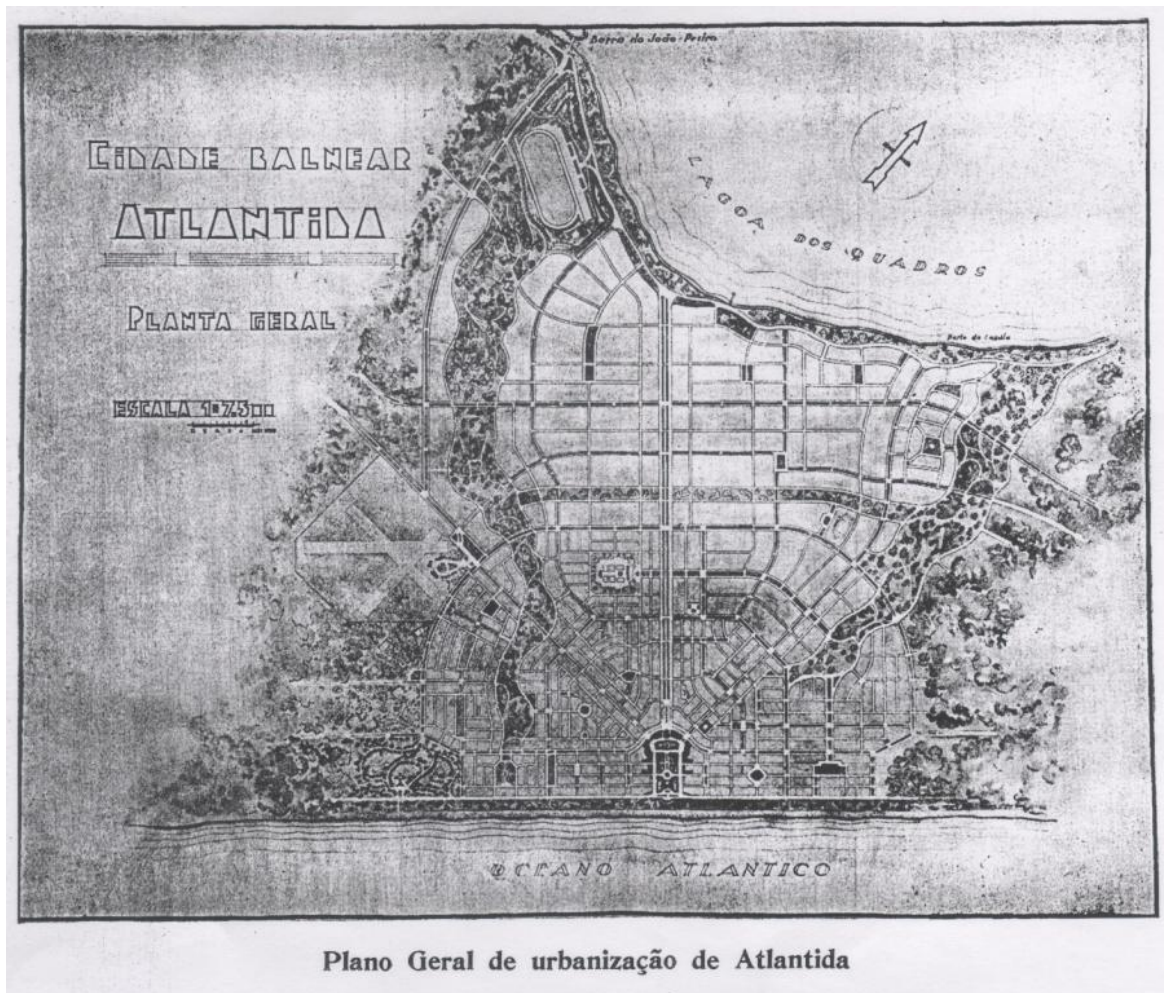
A justificativa de Ubatuba é baseada nas questões dos hábitos “da vida moderna”, de vida ao ar livre, sol e ar puro, enquanto critica as “caóticas” condições dos “intoleráveis” balneários do Rio Grande do Sul, aludindo à falta de planejamento durante seu crescimento. Num momento em que o país se encontrava sob a ditadura de Getúlio Vargas, da consolidação de leis trabalhistas, o discurso da preocupação social aparece reiteradamente no texto: “É a utilização de uma zona favorável ao estabelecimento de uma organização de repouso onde a ricos e pobres será dado gozar umas férias alegres e saudáveis”. E apresentava o objetivo de criar um balneário para “servir a ricos e pobres, com finalidade altruísta”.

Numa área de 1600 hectares, planejada inicialmente para 10.000 pessoas, o plano adota um traçado convergente para o centro do núcleo bem destacado, para onde confluem: uma *parkway* com canal ladeado de taludes nos moldes aplicados por Saturnino de Brito como elemento estruturador em seus planos urbanísticos e de saneamento, chamada Avenida Central, e outras duas que ligam o núcleo ao porto na lagoa dos Quadros e a Osório, a sede do município (Figura 2). A Avenida Central, perpendicular ao mar, tem sua perspectiva interrompida a partir da interseção com a principal via paralela à orla. Essa interrupção de perspectiva talvez remeta a

5 Fischer, Martins e Cia, Dahne, Conceição e Cia., Companhia Técnico Comercial Limitada. Os desenhos e perspectivas do plano seriam de Erwin Brandt da Dahne, Conceição. (Correio do Povo 1939, maio 12)

6 A construção dessa estrutura pode ser livremente comparada com a do Plano Agache para o Rio de Janeiro, Plano esse que foi referência assumida por Ubatuba e seu colega Edvaldo Pereira Paiva em seus estudos para Porto Alegre, realizados entre 1936 e 38, na gestão de Loureiro da Silva.

Camilo Sitte, “o traçado das ruas, praças e interseções sempre obedece às leis do urbanismo pitoresco medieval, ou seja, uma rua sempre termina em uma barreira significativa”. (Panerai, Castex & Depaule, 2013, p. 56)



**Figura 2** - Planta do Plano Geral de urbanização de Atlântida publicada no Boletim da Sociedade de Engenharia em 1939 abrangendo toda área prevista.  
**Fonte:** Boletim da Sociedade de Engenharia. Porto Alegre: n.º 30, out. 1939.

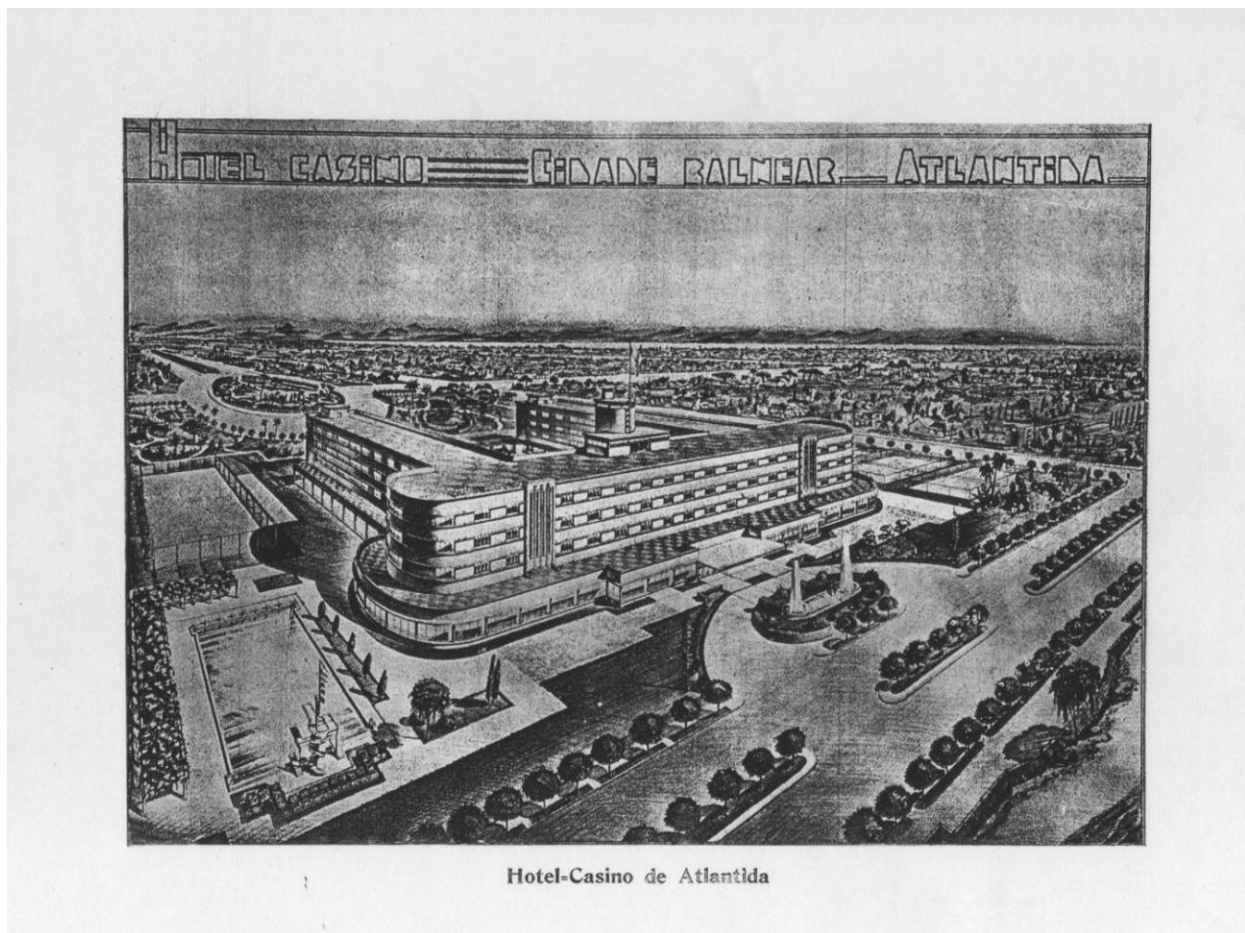
Duas das largas faixas de vegetação propostas penetram em cunha, da lagoa até a via que se poderia chamar aqui de perimetral. Unindo as duas, outra faixa verde mais estreita se desenvolve paralela à praia. E ao longo das duas orlas, a da lagoa e a do mar, outras duas áreas verdes. Esse conjunto poderia ser descrito como um *park system*, da forma que Abreu Filho descreve como parte da estratégia que seria adotada por Arnaldo Gladosch<sup>7</sup> para Porto Alegre

<sup>7</sup> Arnaldo Gladosch desenvolveu trabalhos para a Prefeitura de Porto Alegre, onde Ubatuba atuava, e era discípulo do arquiteto e urbanista francês Alfred-Donat Agache.



em seu plano de 1943, na criação de parques ligados por áreas verdes e *parkways*, como também de parques periféricos que se ligam ao centro por meio do esquema proposto por Bruno Möhring<sup>8</sup>, de faixas verdes de penetração em cunha.

Uma via paralela à praia se deforma em curva próxima ao cruzamento para definir o limite noroeste do núcleo central, numa forma que vai ser retomada no “Parque Central” do plano de 1952. Nesta curva se dá a inflexão das duas vias radiais, que a partir daí seguem ortogonais à praia, fechando a perspectiva e definindo os contornos norte e sul do centro único. Há dois pontos focais no eixo de simetria do centro: um que, na perspectiva, aparenta ser um templo. Na extremidade oposta, junto à Avenida Beira-Mar, a *Prima Donna*: o Grande Hotel Cassino. Que o urbanista apresenta no texto como “a razão de ser da nova cidade”. (Figura 3)



<sup>8</sup> Ubatuba pode ter conhecido o trabalho de Bruno Möhring e Richard Petersen, e a “penetração em cunha”, por meio do Estudo para o Plano de Avenidas de Prestes Maia, Os dois autores mais Nelson P. Lewis são as referências de Maia ao tratar das noções de sistema de parkways e parques, uma ideia norte americana. (Rovatti, 2001; Abreu Filho, 2006). Elementos que foram utilizados por Ubatuba nos dois projetos.

**Figura 3** - Os jornais comentavam a previsão do hotel de “beleza arquitetônica e conforto moderno”.  
**Fonte:** Boletim da Sociedade de Engenharia. Porto Alegre: n.º 30, out. 1939.

Implantado na extremidade do núcleo central que fazia a Avenida Beira-Mar, a única imagem do hotel que consta do documento é uma perspectiva externa da edificação em primeiro plano, as vias de entorno detalhadas, a cidade edificada ao redor e a serra ao fundo. Com linhas da arquitetura que foi predominante em Porto Alegre a partir da Exposição do Centenário Farroupilha de 1935, tão ao gosto dos arquitetos atuantes na capital na década posterior, mostra uma referência naval muito sutil, especialmente se comparada ao hotel da *Atlantida* do Uruguai, país em que predominou no período a arquitetura dos chamados “edifícios barco” (Cunha, Campodonico, Maronna, Duffau & Buere, 2012).

Depois de denunciar a estratégia especulativa utilizada pelos antigos loteadores, usando expressões como ganância, argúcia e “artimanha de vendedor que abusaria do incauto candidato a comprador de lotes”, Ubatuba explica os critérios para o dimensionamento adotado para o loteamento,

O loteamento sempre foi o pomo da discórdia entre o urbanista e o proprietário das terras a serem utilizadas. O ponto de vista econômico e acanhado desses últimos, exigindo sempre mais lucro com o mínimo de gastos, deu origem a que, vendida uma pequena porcentagem dos terrenos, a vila projetada com tão grandes esperanças de lucros paralisasse na sua evolução e modificasse o seu aspéto [sic]. (Ubatuba de Faria & Moacyr, 1939, p. 287).

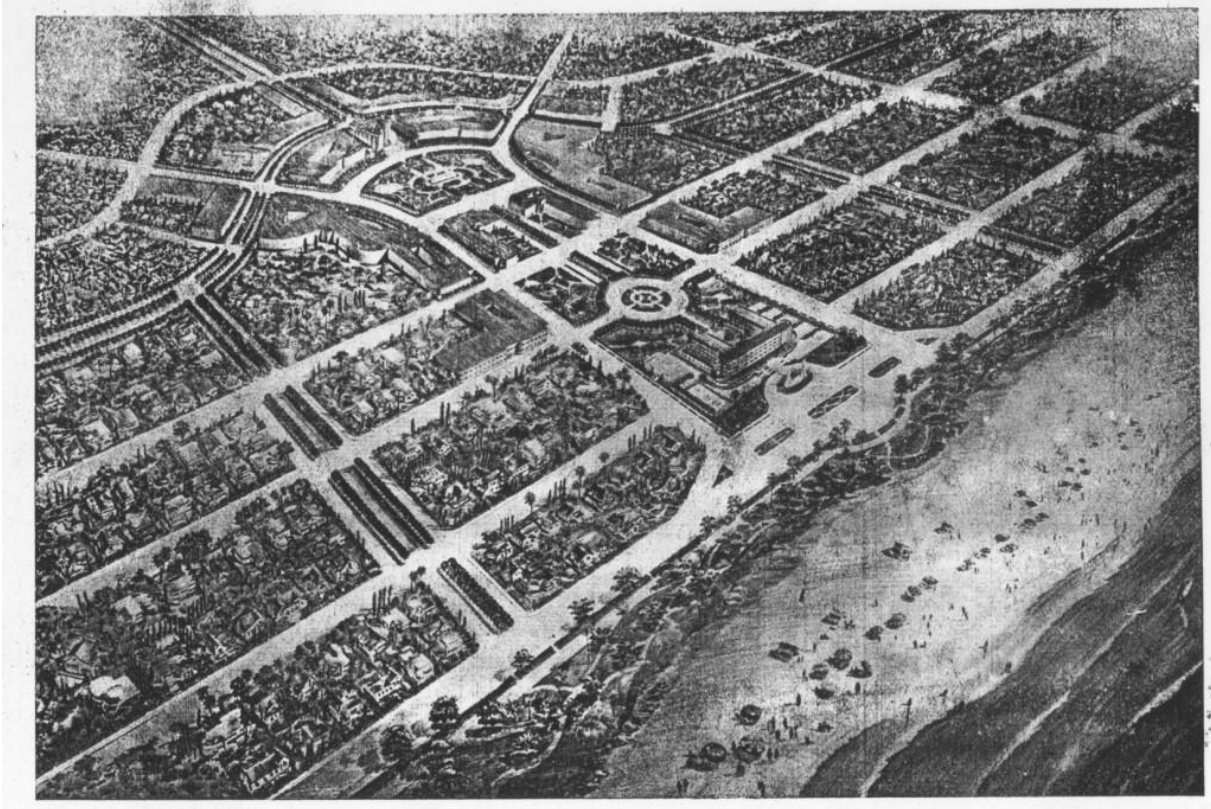
O “Plano Central do Loteamento” está representado numa planta da área central na escala 1:2.500, prevista como primeira etapa para atender 10.000 pessoas. Propõe 1700 lotes com área mínima de 350 m<sup>2</sup> e prevê a criação de espaços livres e arborização: “árvores que baloçam ao vento, flores de colorido variegado, cheiro de terra fresca, tudo isso é um poderoso sedativo para os nervos abalados na luta pela vida”. (Ubatuba de Faria; & Moacyr, 1939). Detalhada com a marcação dos lotes, todos numerados, mas não cotados, apresenta outros elementos que podem ser deduzidos a partir das cópias impressas em pequena escala, o que dificulta bastante a leitura e pode induzir a equívocos na análise e interpretação (Figura 4).



**Figura 3** - Plano Central do loteamento em escala 1:2.500. É o detalhe ampliado do núcleo central do Plano, da área a ser implantada inicialmente para 10.000 veranistas. Há pequenas alterações de traçado e indicação dos lotes.

**Fonte:** Boletim da Sociedade de Engenharia. Porto Alegre: n.º 30, out. 1939.

Arriscando algumas conclusões a partir das imagens, identifica-se nas duas plantas em escalas diferentes e nas duas perspectivas apresentadas (Figura 5) que as edificações implantadas nos perímetros de quarteirão, com altura de dois ou três pavimentos, conformam as vias de contorno do núcleo central e das duas vias principais perpendiculares ao mar. Essa ideia será mantida no Plano executado de 1952, onde a construção de edifícios em altura (três pavimentos) e a possibilidade de uso comercial são permitidas apenas ao longo da avenida central e das bordas dos parques. Levando em conta o ambiente de grande circulação de conceitos do urbanismo que vigorava naquele período, talvez se verifique aí uma aplicação da ideia do edifício que forma a cidade encontrada em Agache (Leme, 2005, p. 26). E talvez o autor adote a “afirmação morfológica dos centros com edifícios mais altos, praças ou com a combinação de ambos”, princípios que Panerai (2013, p. 195) afirma terem sido testados por Unwin em Hampstead e publicados em *Town-planning in Practic*.



**Figura 5** - Perspectiva da área de implantação inicial, destacando o núcleo que tem o hotel como ponto focal. A *parkway* longitudinal sinuosa e as transversais, as vias convergentes e os edifícios na borda dos quarteirões da Avenida Central.

**Fonte:** Boletim da Sociedade de Engenharia. Porto Alegre: n.º 30, out. 1939.

O pedido de concessão e o plano foram aprovados pela Prefeitura de Osório, e pelo Governo Estadual. Segundo noticiário local, o ato de aprovação do plano de Atlântida foi assinado em 25 de novembro de 1939. A empresa Atlântida Cidade Balnear Ltda., formada pelo consórcio já referido, recebia assim apoio oficial para sua execução.

## 5. A ATLÂNTIDA REAL

A cidade balnear de 1939 não foi concretizada. Os motivos que impediram a sua realização ainda devem ser mais bem investigados. Porém, treze anos mais tarde, em fração da mesma área, concretiza-se um empreendimento bem sucedido de novo balneário que recupera muitas das circunstâncias que envolveram seu antecessor. Seu processo de implantação é emblemático no litoral gaúcho como cidade planejada a partir da *tabula rasa*.

O momento político era o da transição do governo de Eurico Gaspar Dutra para o retorno, via democrática, de Getúlio Vargas. No Estado, Ernesto Dornelles voltava ao poder eleito como Getúlio, depois de ter sido interventor federal na década de 1940. Outras circunstâncias que distinguem a oportunidade da realização de Atlântida da sua precursora são as intenções dos incorporadores e a existência de balneários bem constituídos na vizinhança.

Na correlação entre os dois momentos de afirmação das disciplinas urbanismo e arquitetura moderna com os dois projetos estudados é notável que, se no período em que foi proposta a “cidade balnear” de 1939 os profissionais habilitados eram os engenheiros formados na Escola de Engenharia de Porto Alegre, o ambiente em que se desenvolve o Plano para a Atlântida realizada será outro. Até meados dos anos 1940, não havia cursos de formação de arquitetos no Estado e a prática profissional era exercida por arquitetos estrangeiros vinculados a escritórios de engenharia e construtoras. Os dois primeiros cursos se estruturam em meados da década de 1940 e se fundem na Faculdade de Arquitetura da universidade federalizada em 1952, ano da implantação de Atlântida<sup>9</sup>. Nosso protagonista Ubatuba novamente entra em cena, exercendo outra relevante função, a de docente. Professor do curso de arquitetura do Instituto de Belas Artes (IBA), ele conviveu com alguns dos mais importantes profissionais do urbanismo e da arquitetura moderna porto-alegrense.

E será em Atlântida que arquitetos envolvidos nesse processo, professores, alunos e jovens profissionais formados nas primeiras turmas, terão a oportunidade de exercer sua atividade profissional. A criação dos cursos, a instalação do Departamento Estadual do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), os concursos de projeto e a abertura da carreira de arquiteto nas funções públicas compõem o ambiente em que se dará a introdução da arquitetura moderna brasileira da vertente carioca na região, quando esta já desfrutava de reconhecimento internacional.

Nesse contexto, o processo de criação e implantação do balneário de Atlântida em 1952 acumula uma série de aspectos que foram recorrentes na implantação de cidades de veraneio. Uma delas é a figura do pioneiro, do empreendedor visionário, recorrente em operações imobiliárias desse tipo, que no nosso caso é representada por Antônio Casaccia, principal articulador e incorporador da Atlântida S.A. Balneários. Figura entusiasta e incentivadora dos profissionais e técnicos na condução do processo assumido de implantar um balneário mais qualificado, Casaccia reuniu, em 11 de maio de 1951, um grupo de empresários e prováveis

<sup>9</sup> Em 1944 é criado o primeiro curso de arquitetura dentro do Instituto de Belas Artes (IBA), que formaria sua primeira turma em 49. Tinha como modelo a Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil, do Rio de Janeiro. Logo após, é criado Curso de engenheiros-arquitetos da Escola de Engenharia, cujo modelo era a Escola Politécnica de São Paulo. (ALMEIDA, 2005, p. 115).

investidores para apresentar seu plano de criação da empresa loteadora que implantaria o novo balneário de Atlântida (Bertoluci, 2012).

A contratação do profissional experiente, Ubatuba de Faria, para elaboração do plano do loteamento é um ponto em comum com diversos outros balneários da região, apesar das suas peculiaridades. Já a “inspiração” nos balneários uruguaios é ressaltada no noticiário da época do lançamento do loteamento, valorizando aspectos que proporcionariam melhor qualidade em relação aos balneários existentes. Além da informação confirmada na imprensa de que o Governo Estadual, quando da criação do Departamento de Balneários Marítimos no início dos anos 1940, teria buscado como modelo as ações da Comissão Nacional de Turismo do Uruguai, enviando seu engenheiro chefe Ubatuba a Montevideu, soma-se a constatação de que o empreendedor Casaccia era um frequentador do litoral uruaio e tinha intenção de trazer para seu Estado aquele modelo de balneários.

Outro ponto a destacar é que, em Atlântida, o programa de hotel-âncora, precedendo o loteamento para atrair turistas, seguiu o modelo estabelecido desde as pioneiras praias europeias do XIX, da mesma forma aplicada nas bem sucedidas praias uruguaias, nas estações hidrominerais brasileiras e, inclusive, no projeto de Lucio Costa para o loteamento de São Clemente em Nova Friburgo (Comas, 2002). Há ineditismo, porém, na proposta de um grupo privado adotar o sistema de concurso público, organizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB, para escolha do projeto, concurso do qual participaram vários nomes que se destacaram na produção arquitetônica da capital<sup>10</sup>. (Figuras 6 a 8)

<sup>10</sup> O primeiro lugar coube ao projeto efetivamente executado, e hoje demolido, de autoria da equipe de Mauro Guedes de Oliveira; o segundo a Fernando e Luis Fernando Corona, com participação de Carlos M. Fayet, e o terceiro a Demétrio Ribeiro, tendo Enilda Ribeiro como desenhista. Todos eles importantes nomes da história da arquitetura moderna de Porto Alegre.



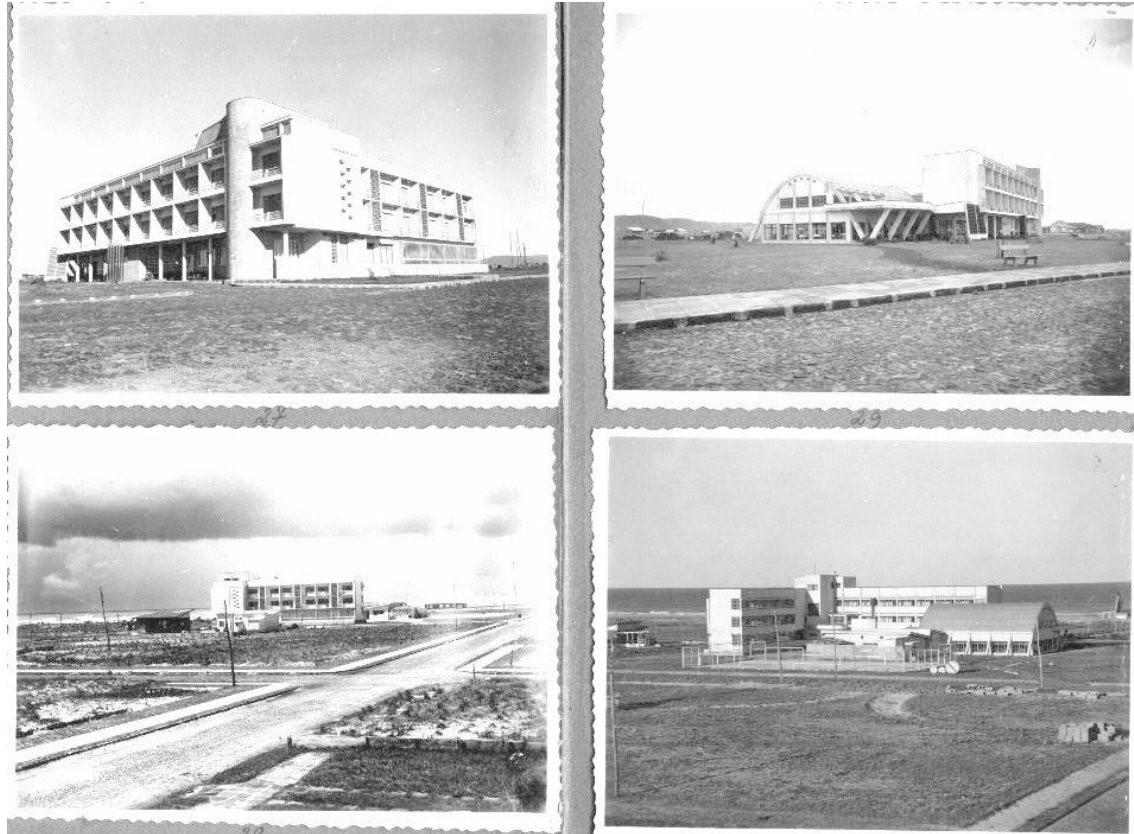
**Figura 6** - Foto da apresentação da maquete do projeto vencedor do concurso organizado pelo IAB para o Hotel Atlântida, em 1951, projeto da equipe do arquiteto Mauro Guedes de Oliveira.

**Fonte:** Acervo Nélide Casaccia Bertoluci.



**Figura 7** - Foto do hotel recentemente construído. Fonte: Acervo Nélide Casaccia Bertoluci.

**Fonte:** Acervo Nélide C. Bertoluci.



**Figura 8** - Conjunto de fotos do Hotel Atlântida na época da construção e da implantação do loteamento – 1952.

**Fonte:** Acervo Nélide C. Bertoluci.

As tentativas de aplicação de pilotis, os recorrentes telhados “asas de borboleta”, as paredes trapezoidais e os cobogós são alguns dos clichês associados ao “moderno” que foram amplamente adotados pelos projetistas de residências unifamiliares, clubes, colônias de férias e hotéis das praias. Muitos dos projetos arquitetônicos executados naquele período foram estruturadores do cenário do veraneio dos gaúchos após 1950. São manifestações que denunciam as referências de seus autores e a intenção de estarem conectados com o que havia de mais atual, no momento em que os balneários se apresentavam como importante oportunidade de exercício da nova profissão.

A ideia de cidade conformada pela arquitetura, entretanto, se dá com os projetos de edifícios residenciais de autoria de arquitetos recém-formados que se tornariam atuantes na arquitetura moderna de Porto Alegre: Emil Bered, Edgar Graeff, Remo José Irace são alguns dos nomes que fazem parte da entrelaçada história da criação da Faculdade de Arquitetura, do início da atuação profissional dos arquitetos gaúchos e da afirmação da arquitetura moderna no Estado. (Figuras 9 a 11)



As duas atlântidas e a constituição dos balneários no litoral gaúcho



**Figura 9** - Vista geral da Praça Central de Atlântida a partir do hotel com os primeiros edifícios construídos - anos 1950.

**Fonte:** Acervo Nélide C. Bertoluci.



**Figura 10** - Pilotis e marquise de acesso ao Ed. Stella Maris, um dos primeiros edifícios residenciais construído junto à Avenida Central - anos 1950.

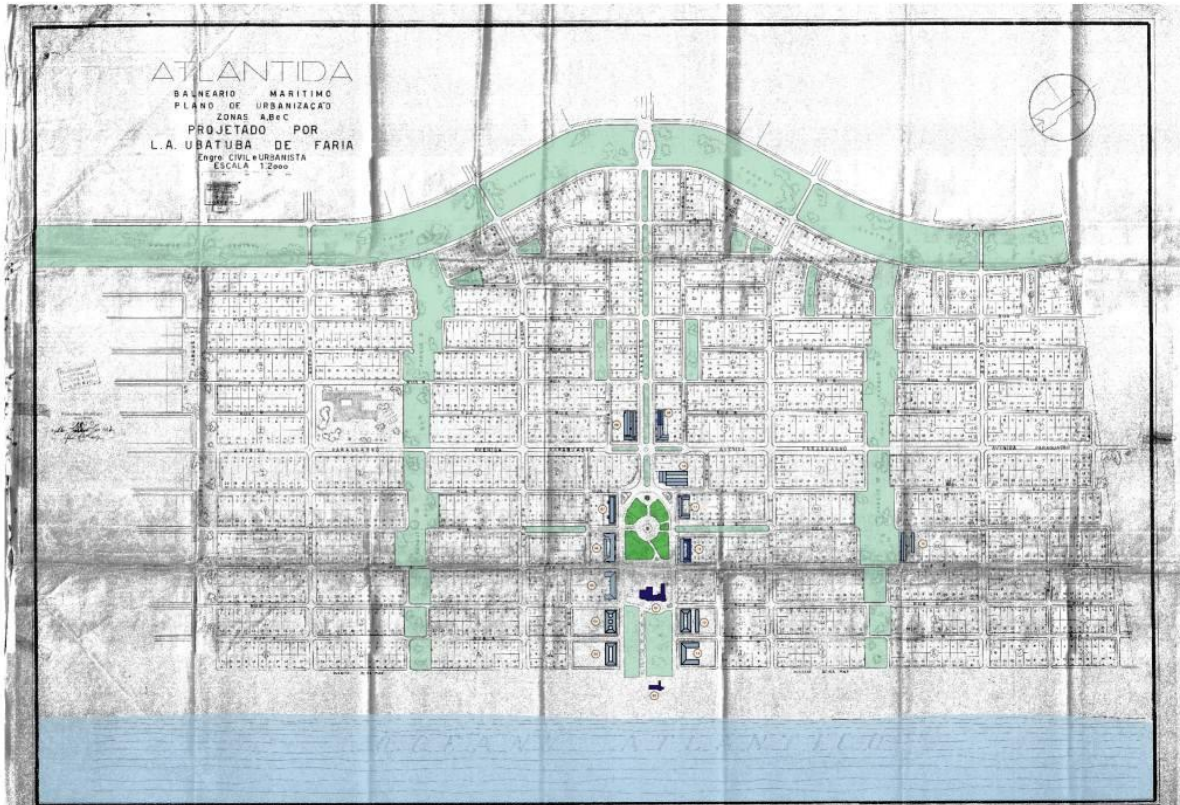
**Fonte:** Acervo Nélide C. Bertoluci.



**Figura 11** - Foto aérea s/d, presumivelmente da década de 1970, onde aparecem, além dos primeiros edifícios residenciais construídos nos anos 1950, alguns outros posteriores, completando o entorno da Praça e da Avenida Central.

**Fonte:** Bertoluci, 2012.

Como inovação, a Atlântida realizada é o primeiro balneário do sul brasileiro que, ao se estabelecer a partir do vazio, tem um Plano de Urbanização (Figura 12) que prevê lotes mais amplos (com testadas entre 15 e 30 metros por 30 a 36 metros de profundidade), zoneamento de comércio e serviços; sistema de áreas verdes composto de parque longitudinal disposto em faixa paralela à praia, dividindo as zonas residenciais, ligado a parques-corredores perpendiculares à orla, com alamedas para pedestres e função de drenagem de águas pluviais; rede viária hierarquizada; hidráulica e distribuição de água tratada; estação de energia elétrica e sistema de telefonia; zoneamento para habitações coletivas ao longo de Avenida Central e nas testadas de corredores, os chamados parques II e IV. Os dispositivos de controle urbanístico estavam incluídos no contrato de compra e venda o que parece ter funcionado até meados da década de 1960, quando se oficializa um Plano Diretor, referido como o primeiro do litoral.



**Figura 12** - Plano de 1952 | Área executada na primeira etapa do empreendimento, que preserva de forma simplificada e esquemática parte da estrutura do traçado do Plano anterior. Em verde, o sistema de praças e parques.

**Fonte:** Arquivos da Atlântida S.A. Balneários, digitalizado e adaptado pela autora.

As informações contidas nas plantas protocoladas para aprovação na prefeitura de Osório são sucintas. Ubatuba já havia falecido (1954), mas foi mantido o crédito da sua autoria nos selos do Plano de Urbanização: “projetado por L. A. Ubatuba de Faria - engenheiro civil e urbanista”. Embora as informações sobre regimes volumétricos, usos, índices ou recuos, e sobre gabaritos de vias ou qualquer outro condicionante não tenham sido encontrados nos documentos pesquisados em arquivos, o que se constata no balneário executado é que Ubatuba preserva a ideia de que os edifícios conformem as vias do núcleo central. A relação arquitetura x cidade permanece valorizada na Atlântida construída, consolidada ao longo dos anos e, até hoje, parcialmente preservada em sua volumetria.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em comparação com a cidade balnear de 1939, o Plano de Atlântida que se efetiva é uma esquematização, proposto para outro público, com uma estrutura convencional que visa um equilíbrio de densidade e traçado. O que pode ser identificado na relação entre áreas verdes, espaços abertos e construídos. A adoção de um modelo mais singelo, sem discurso, é uma adequação simplificada, mas foi única nos empreendimentos daquela região. A relação original entre arquitetura e cidade permanece valorizada na área central da Atlântida construída.

Os primeiros edifícios de Atlântida, aprovados na Prefeitura de Osório nos anos 1950, são de autoria dos novos arquitetos do Rio Grande do Sul, aqueles que viriam a se destacar na produção da Arquitetura Moderna de Porto Alegre. Remo José Irace, Emil Bered, Salomão Kruchin e Mauro Guedes de Oliveira, este último autor do projeto vencedor do concurso para o hotel, todos formados em 1949 na primeira turma da arquitetura, e são alguns dos nomes que terão em Atlântida a oportunidade de exercer sua atividade e conformar a nova cidade, de configurar o espaço urbano a partir do zero, seguindo os condicionantes estabelecidos no plano de Ubatuba. Não há entre eles projetos arquitetônicos notáveis, de qualidade excepcional, nem grandes inovações, mas seu principal valor está em serem trabalhos bem cuidados, que contribuíram para configurar a cidade de forma equilibrada.

A verticalização despropositada, a barreira de altos edifícios a beira-mar e a paisagem construída desestruturada ainda não atingem Atlântida. Porém é perceptível o processo de esvaziamento que vem ocorrendo ali, a partir do avanço do modelo de condomínios fechados que se criam como microcidades de *faz-de-conta*, com sua paisagem construída dentro dos muros que rompem com a *cidade-de-verdade*.

O processo de degradação das outras cidades balneárias do Rio Grande do Sul, a verticalização inapropriada e desproporcional ao crescimento da população flutuante que as frequenta e o avanço da substituição tipológica de edificações adequadas por outras especulativas de qualidade arquitetônica duvidosa valorizam ainda mais a exemplaridade e o interesse pelas duas Atlântidas. Seus projetos são representativos de outro processo de urbanização, no qual a realização de empreendimentos que visavam, sim, o lucro, não impediu o estabelecimento de relações harmônicas entre urbanismo, arquitetura e natureza.

## REFERÊNCIAS

Abreu Filho, S. B. de (2006). *Porto Alegre como cidade ideal. Planos e Projetos urbanos para Porto Alegre*. Porto Alegre: Tese de Doutorado em Arquitetura, PROPAR/UFRGS,.

Bertoluci, N. C. (2012). *Atlântida 60 anos*. Porto Alegre: [s.n.].

Comas, C. E. D. (2002). *Precisões Brasileiras. Sobre um passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & cia, 1936-45*. 2002. Paris: Tese de Doutorado em Arquitetura, Universidade de Paris VIII.

Cunha, N., Campodonico, R., Maronna, M., Duffau N., Buere G. (2012). *Visite Uruguay: del balneario ao país turístico -1930-1955*. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental,

Leme, M. C. da S. (2005). (Org.). *Urbanismo no Brasil 1895-1965*. 2. ed. Salvador: EDUFBA.

Panerai, P, Castex J. & Depaule J. (2013). *Formas urbanas: a dissolução da quadra*. (A. Salvaterra, Trad). Porto Alegre: Bookman.

Rovatti, J. F. (2001). *La modernite est ailleurs: « ordre et progres » dans l'urbanisme d'Edvaldo Pereira Paiva (1911-1981)*. Vincennes-Saint-Denis: Tese de Doutorado em Urbanismo, Universidade de Paris VIII.

Ubatuba de Faria, L. A.; Moacyr, G. P. (1939). *Atlântida, cidade balnear: anteprojeto de um novo balneário entre Capão da Canoa e Tramandaí*. In: Boletim da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.º 30, outubro.

## Reportagens de jornal

A Urbanisação [sic] das nossas praias balneárias. Correio do Povo: Porto Alegre, 1942, jul. 2.

Balneários Marítimos: uma conferência do urbanista Ubatuba de Faria. Correio do Povo: Porto Alegre, 1943, dez. 18.